



LUTEM PARA E EU VOLTAR A CORRER AQUI, TE DEVOLVO VIDA!

LAMENTO DO AQUAÇU

Simone Cristina Correa Nunes - scristinacorrea@gmail.com

Izabel Antunes de Sousa Lopes (SMECEL-VG/SME-CBÁ) - izabelantunes2010@gmail.com

GT 15 – Relações Raciais e Educação

Resumo:

Sauvé (2002, 2005), Straforini (2004), Callai (1995) e Sato (2007) e na LEI No 10.639, DE 9 DE JANEIRO DE 2003, orientam o texto em que buscamos através da narrativa estabelecer diálogo sobre a importância da educação ambiental e das relações étnico raciais no ensino fundamental. O fenômeno da seca do córrego Aguaçu, na região de Nossa Senhora do Livramento, que aconteceu no mês de setembro de 2021, foi objeto de conhecimento e de investigação. A pesquisa qualitativa acontece na escola municipal de educação básica BENEDITA BERNARDINA CURVO, Várzea Grande-MT. Utilizamos registros no caderno de campo, manifestações dos estudantes e fotos. Mostrou que mais reflexões sobre a relação ser meio e os fenômenos onde acontecem e da sensibilização podem reverter impactos negativos em positivos, pois os estudantes manifestaram em suas falas, depois da intervenção, emoção e vontade de que mudanças aconteçam nessas relações, para que comunidades possam preservar sua água, suas culturas, depois do momento de história viva.

Palavras chave: Diásporas Educação Ambiental sensibilização história
sustentabilidade

1 Introdução

Nesse texto, buscamos através do texto narrativo dialogar com as diversas formas de educação para as relações entre os seres humanos e o meio ambiente, incluindo a Educação para as relações étnico raciais e a Educação Ambiental, movimento em que diversos objetivos foram surgindo e se tornando válidos durante a feitura do mesmo, que inicialmente visou promover uma reflexão sobre o fenômeno que aconteceu e que ocasionou a seca de um ribeirão na região de São Gonçalo, conhecido como Aguaçu, através de abordagens de contação de histórias, em aulas de história em escola municipal de educação básica, situada em Várzea Grande-MT, no Bairro Nova Esperança.

No decorrer da nossa ação, fomos identificando outras necessidades de abordagens do mesmo fato, que nos levaram a descobertas delineadoras dos objetivos, que fizeram do texto, um lugar de fruição de novas e diferenciadas entrevistas.

Diante do exposto, e dessa reflexão, em que fizemos um embasamento teórico preliminar, dividimos o relato em duas partes, por ter acontecido em dois momentos, em numa sala de aula de sexto ano do ensino fundamental, aos quais denominaremos de encontro um: o sapo se mandou porque o ribeirão secou e será que o ribeirão vai voltar a viver?

Os recursos foram fotos e registros dos cadernos de campo das professoras, depois de nosso momento de intervenção.

Os presentes: 15 sujeitos, 13 estudantes e duas professoras

Percebemos o delinear de uma pesquisa qualitativa, cujo objetivo, passa a se configurar por nos levar a visualizar novas possibilidades de se conectar educação étnico racial e Educação ambiental, sentimentos e todas as abordagens partindo de fenômenos naturais e sociais, que envolvem a biodiversidade de vidas e suas relações sociobiodiversa.

Nosso aporte teórico: Sauvé (2002, 2005), Straforini (2004), Callai (1995), Sato (2007), sites da internet e as leis 10639/03, por congregarem no mesmo sentido da sustentabilidade e da resistência as intempéries e abordagens históricas sobre as diásporas.

Os Resultados mostraram o quanto o espaço da Educa o básica,   campo fértil para experiências significativas e ressignificadoras de situa es fenomenológicas que podem passas desapercibida, caso o olhar fique desatento.

Fizemos um embasamento teórico preliminar, e dividimos o relato em partes, por ter acontecido em dois momentos distintos, na mesma sala, se configurando em 3 t picos e nas considera es.

No primeiro t pico, Educa o ambiental e antirracista, tratamos de abordagens de como a biodiversidade vem sendo percebida no campo da educa o e das políticas de afirma o de identidades e da sustentabilidade da vida, como espaço a ser conservado e preservado, ou desarticulado.

O t pico 2 traz o momento do encontro com os estudantes e da notícia da seca do ribeirão. Apresentamos o contexto em que o assunto se inseria, no terceiro explanamos sobre a reflexão e colhemos suas propostas e sentimentos, quanto a situa o do ribeirão.

Nas considera es, fizemos a reflexão sobre a necessidade de se trabalhar de forma significativa, questões que envolvam as rela es em todos os seus  mbitos buscando entender os conhecimentos que os seus fen menos podem nos revelar.

EDUCAÇÃO AMBIENTAL: CAMPO FERTIL PARA CONEXÕES ENTRE AS DIVERSAS EDUCAÇÃOES ESCOLARES E NÃO ESCOLARES QUE ACONTECEM NA ESCOLA

Segundo artigo de Sousa, 2017, Para conservar a biodiversidade deve-se aumentar o conhecimento; Proteger mais áreas; recuperar os ecossistemas degradados; Criação de jardins botânicos e zoológicos; Educação ambiental e contar com a colaboração científica e industrial, em atitudes de conservação, como tratados nacionais e internacionais visem promover a biodiversidade, a construção de sociedades sustentáveis, restauração de sistemas degradados e respeito às comunidades que trabalham e vivem em comunhão com a biodiversidade conservando-a o mais perto possível de seu estado original.

Nesse sentido o trabalho de conscientização, proteção e formação de mentes preocupadas com os rumos da vida no e do planeta.

Ainda segundo a autora, na escola, aparelho ideológico do Estado (Althusser), a educação ambiental, vem explicitada na lei como Lei 9.795, de 27 de abril de 1999, decretada pelo Congresso Nacional e sancionada pela presidência da República do Brasil, que dispõe no artigo 1º: Entendem por educação ambiental os processos por meio dos quais o indivíduo e a coletividade constroem valores sociais, conhecimento, atitudes e competências voltadas para a conservação do meio ambiente, bem de uso comum do povo, essencial à sua qualidade de vida e sua sustentabilidade.

Com esse pensamento firmamos a ideia de que um trabalho na escola buscando conectar a educação ambiental, com os estudos de como os territórios são ocupados nos levou a questão que Sauvé (2005), traz que,

A educa o ambiental não  , portanto, uma “forma” de educa o (uma “educa o para...”) entre inúmeras outras; não   simplesmente uma “ferramenta” para a resolu o de problemas ou de gestão do meio ambiente. Trata-se de uma dimensão essencial da educa o fundamental que diz respeito a uma esfera de intera o que está na base do desenvolvimento pessoal e social : a da rela o com o meio em que vivemos, com essa “casa de vida” compartilhada. A educa o ambiental visa a induzir dinâmicas sociais, de início na comunidade local e, posteriormente, em redes mais amplas de solidariedade, promovendo a abordagem colaborativa e crítica das realidades socioambientais e uma compreensão aut noma e criativa dos problemas que se apresentam e das soluçoes possíveis para eles.

Nessas bases para nossa prática que se desenvolve nos momentos em que as atividades vão acontecendo e mostrando o como a educação ambiental congrega todas as formas de se pensar a educação dos estudantes em todos os tempos de suas vidas.

Reafirmado na Lei supracitada que dispõe, no artigo 2º: que A educação ambiental é um componente essencial e permanente da educação nacional, devendo estar presente, de forma articulada, em todos os níveis e modalidades do processo educativo, em caráter formal e não formal. Reafirmando a necessidade de observarmos como estão se estabelecendo as relações e refletindo sobre seus impactos relacionais e ambientais.

Sendo necessárias leis como a 10639/03, DE 9 DE JANEIRO DE 2003, que Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências, e aplicabilidades nas escolas. que visam garantir a representatividade de povos que tiveram suas vidas modificadas por movimentos de diásporas e de processos colonizatórios que dizimaram muitas vidas e que vem lutando para conquistar o seu lugar de direito.

O que reforça nossa linha de trabalho de abordagem dos elementos que compõem a vida da e na terra, buscando entender os fenômenos que acontecem na trama que a envolve, no nosso entender, se torna significativo, socializar ações que contribuem a reflexão de como as coisas estão acontecendo e aconteceram.

Acreditamos ainda que, ao aguçar a sensibilidade através da reflexão, será possível multiplicar o espírito de conservação o meio ambiente, provocando e desencadeando atitudes individuais e coletivas, afetas e conscientes da interdependência, de todos os povos e o seu meio como ambiente vital.

Para tanto tratamos da importância da biodiversidade que está presente em contextos diferentes e de diferentes formas, conservada ou não. Encontramos as diversidades de vidas que a compõem, em jardins, praças, em estradas, em toda parte onde houver possibilidade de existência de vida. A Fauna e flora são denominações que classificam em duas características os hospedeiros desta, e se configuram como as partes componentes do meio ambiente.

A definição de biodiversidade dada pelo Fundo Mundial para a Natureza é: “a riqueza da vida na terra, os milhões de plantas, animais e microrganismos, os genes que eles contêm e os intrincados ecossistemas que eles ajudam a construir no meio

ambiente”. E ainda que biodiversidade seja o conjunto de seres vivos que vivem em uma determinada área, como organismos que interagem entre si em um determinado meio.

Os cientistas, frequentemente denominam três níveis de diversidade: espécies: inclui toda a gama de organismos na terra, desde bactérias e protistas até reinos multicelulares de plantas, genética: tanto em populações geograficamente separadas como entre indivíduos da mesma população, ecossistemas: variação entre as comunidades biológicas nas quais as espécies vivem.

A importância da flora da biodiversidade se dá pelo seu uso em alimentos, produtos medicinais, madeira e na inspiração e atributos culturais, em produtos diretos.

Como serviços do ecossistema: poliniza, purifica o ar, modifica o clima, controla contra a seca e inundação, no ciclo de nutrientes, proporciona o habitat para as espécies do mundo, e como valor econômico (turismo, medicamentos, características genéticas de variedades de colheitas introduzidas na agricultura doméstica, castanhas, frutas e etc.)

Corroborando com as constatações de estudiosos de que inúmeros são os benefícios e as funções da biodiversidade: despertar a importância para os valores éticos morais; como formas de lazer e estética; como recursos para alimentação e matéria elementar para a manutenção das diversas formas de se viver, inspiração de pesquisa e educação; manutenção de processos (ecossistemas e climas).

Para conservar a biodiversidade deve-se aumentar o conhecimento; Proteger mais áreas; recuperar os ecossistemas degradados; Criação de jardins botânicos e zoológicos; Educação ambiental e contar com a colaboração científica e industrial, em atitudes de conservação, como tratados nacionais e internacionais visem promover a biodiversidade, a construção de sociedades sustentáveis, restauração de sistemas degradados e respeito às comunidades que trabalham e vivem em comunhão com a biodiversidade conservando-a o mais perto possível de seu estado original. Nesse sentido o trabalho de conscientização, proteção e formação de mentes preocupadas com os rumos da vida no e do planeta.

O ribeirão em que tratamos na atividade, fica em um dos três biomas que compõem o estado de Mato Grosso, o cerrado, que tiveram uma temporada excepcionalmente seca em 2019, os incêndios bateram recordes no ano passado, que resultaram na maior devastação já registrada na história do Pantanal, segundo notícias divulgadas em mídias e em sites da internet.

O Pantanal, ainda, é considerado, no atual cenário, segundo os informes midiáticos, o único bioma brasileiro com uma equação quase ideal. Diferente do Sul e do Sudeste, a ocupação de duzentos anos conseguiu balancear as atividades econômicas com a preservação ambiental. Antes das queimadas, o bioma mantinha 86% de suas áreas naturais. Um equilíbrio ameaçado pelos incêndios que já atingiram 27% do Pantanal. A vida em um futuro pós-fogo é o maior temor dos pantaneiros, entre produtores familiares, quilombolas e indígenas. Cientistas alertam que as queimadas devem ser a rotina na região daqui para a frente e que o governo precisa mudar sua forma de atuar no bioma, promovendo a conservação de ecossistemas e ainda possibilitando o surgimento de novos com garantias de que suas vidas terão seguranças em políticas sólidas para a continuidade de suas existências junto com a terra.

Conforme noticiado, levantamento feito por instituições ligadas ao meio ambiente, em 2020, o Pantanal perdeu para o fogo área semelhante a do estado do Rio de Janeiro – 38.600 km². O fogo consumiu desde campos naturais até florestas, em escala sem precedentes em todo o histórico de monitoramento do bioma.

Nosso trabalho traz a seca do ribeirão como o fenômeno que clama por olhares mais sensíveis sobre as relações, e os resultados impactantes como veremos no desenvolver do nosso encontro com os estudantes e tratarmos do fato e que se segue como o relato da atividade na aula de história, a qual intitulamos, até o ribeirão secou e que se coloca como objeto para futuras análises e reflexões.

CORREGO SECAR É NORMAL?

Cheguei à porta da sala da professora Simone quando ela havia terminado de aplicar a prova junto a sua turma, depois ter contactado com ela sobre a possibilidade de uma intervenção de contação de estórias, e que faz parte de um projeto que desenvolvemos em Escolas, e que tem na leitura e releitura, seus aportes e que se intitula, biblioteca que conta criança que encanta.

Depois de autorizada nossa entrada a sala de aula iniciei minha intervenção, chamando a atenção para a importância da água, e provocando a turma a manifestar suas percepções sobre o que viram na prova sobre História do Egito e de como suas as populações foi se organizando perto de rios, com perguntas que visavam que eles estabelecessem conexões entre o que viram nos livros e o que está acontecendo hoje. O

Egito e sua localização, em África, lugar do começo de todos os povos, foi um momento em que ficou emblemática a importância do que estávamos fazendo ali. As perguntas os estudantes responderam que todas as cidades que conheciam tinham rios e que sim era muito verdade esse fato. Nesse dia treze eram os estudantes presentes.

Citaram exemplos: Cuiabá, Várzea grande, Rondonópolis e varias outras cidades, e assim continuamos explorando os conhecimentos deles, para então dizer que tinha a dividir com eles ali.

Iniciei minha fala em tom de voz ameno, porem grave. *Crianças, hoje estou aqui para contar para vocês que um dos mais belos leitos de água que conheci, pela primeira vez em vinte e oito anos, secou! E, eu o vi secando, vi... Por muitas vezes fui lá, plantei a sua volta, banhei em suas águas, levei meu filho, ainda pequeno lá, e ele mergulhou em suas águas que agora, secaram. Eu até dois sábados atras, acreditava que ele sobreviveria, acreditava, porque ele, em vinte e oito anos passou por poucas e boas, mas, nunca havia secado. então hoje, estou aqui para pensarmos sobre isso, juntos, não é professora?*

Será porque que mesmo sabendo a importância da água, dos rios e de todos os veios de água, andam secando os córregos? Ele era lindo! Era pequeno, mas lindo! E diante das perguntas de onde ele fica? que povos moram perto do ribeirão que secou e de que o rio Nilo ainda está vivo e das explicações da professora Simone sobre os povos do Egito e dos povos que moram ali, na região de Nossa Senhora do livramento, a conexão se estabelece entre os povos de África que depois de diásporas tiveram que se fortalecer em quilombos e que naquela região existiam alguns.

E sob a constatação de que não deveria ser comum córregos secarem um dos estudantes, depois ouvirmos todas as manifestações, dissesse ter um quilombo que tem um herói que ele admira muito, e que se chama zumbi, para ele um dos heróis que ele mais gosta, porque ele lutava para libertar os negros escravizados e que fugiam dos brancos para que não fossem mortos. Foi um momento em que todos os outros estudantes olharam para ele, visto que, ele é um pouco tímido.

Assim eu e a professora Simone, diante de manifestações dos estudantes diante do fato da secagem do córrego, pedi que escrevessem num pedaço de papel o que sentiram diante do momento vivido por eles ali.

E assim colocamos na íntegra, o que eles escreveram em forma de descrição e cujos nomes serão representados por numerais de 1ª a 7, e que colocamos como objeto para novas análises e projetos.

Estudante 1 *eu senti muita tristeza, pois os animais também ficaram tristes pois lá era a casa deles*

Estudante 2 *eu senti muita tristeza medo preocupação angústia, e o que podemos fazer?*

Estudante 3 *eu senti tristeza, preocupação, pois isso para algumas pessoas não é importante, mas para a Izabel foi um trauma o ribeirão ter secado.*

Estudante 4 *eu senti tristeza porque o ribeirão sem água não é um ribeirão, mas pode ser evitado se nos pararmos de poluir, desmatar e queimar, mas um dia ele pode voltar a ter água*

Estudante 5 *eu senti tristeza pelo rio ser um rio tão bonito e agora vazio*

Estudante 6 *tristezas muita emoção. É triste!*

Estudante 7 *eu acho bonito o ribeirão, que triste, era lindo*

CONSIDERAÇÕES AINDA INICIAIS

O trabalho como retrato de uma realidade escolar, que ainda tem resquícios de uma pandemia que diminuiu o número de pessoas na escola, teve na pesquisa qualitativa sua ancora, exercitou também a pesquisa quantitativa, visto que dos estudantes que entregamos o papel para registrarem suas manifestações, 53% deram a devolutiva e representaram sete dos treze que estiveram presentes, um dado a ser analisado em próximas abordagens investigativas.

O trabalho que buscou investigar quais as percepções dos estudantes sobre os fenômenos que envolvem as relações humanas na e com a terra, mostrou quão fértil esse campo se apresenta para estudos em todas as áreas e ainda quanto precisamos de abordagens que conectem o pensamento das crianças as realidades culturais e históricas, como foi feito ao resgatar histórico de comunidades e de fatos históricos que nos mostrou as origens de nossas ancestralidades e seus rastros aqui na terra.

E tudo isso aconteceu em sala diante da seca de um córrego, que espera atitudes que o ajudem a ter água novamente e assim possamos responder ao que a estudante seis pergunta, será que ele voltara a ter água, novamente? Sendo essa pergunta norteadora de um novo dialogo, com informações mais positivas quanto a biodiversidade e suas interdependências sociobiodiversas e relacionais.

REFERENCIAS

BRASIL. Lei 10.639/2003, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Diário Oficial da União, Poder Executivo, Brasília.

CALLAI, Helena Copetti. **Geografia: um certo espaço, uma certa aprendizagem**. Tese de Doutorado. São Paulo: USP, 1995.

CALLAI, H. C. **Aprendendo a ler o mundo: a Geografia nos anos iniciais do Ensino fundamental**. Cadernos CEDES, 25(66), p. 227-247, Aug., 2005.

LOPES, Izabel Antunes de Sousa **menos uma cobra. Luto na biodiversidade. Educação infantil e educação ambiental: diálogos possíveis**. SEMIEDU 2017. UFMT

MUNDO DA EDUCAÇÃO. **Fauna e flora**. Acesso em: <http://mundoeducacao.bol.uol.com.br/biologia/fauna-flora.htm> 29/07/2017. 02.12 h.

SAUVÉ, Lucie. **Educação ambiental: possibilidades e limitações**. In: Educação e pesquisa: revista da faculdade de educação da USP. Maio-Agosto, São Paulo, v.31, n.2, USP, 2000. Disponível em: Acesso em 29/07/2017/ <http://www.foar.unesp.br/Home/projetoviverbem/sauve-ea-possibilidades-limitacoes-meio-ambiente---tipos.pdf> 02.05 h.

SATO, Michèle . **Tratado de Educação Ambiental para Sociedades Sustentáveis e Responsabilidade Global**. 1. ed. , 2007. 133 p

STRAFORINI, R. **Ensinar geografia: o desafio da totalidade-mundo nas séries iniciais**. São Paulo: Annablume, 2004